

SEXUALIDADE E RAÇA: A HIERARQUIA DENTRO DAS DIFERENÇAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

Patrícia Aurora Corrêa Mazoti

*Mestranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília-SP.
correap07@gmail.com*

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão sobre as (in)visibilidades e representatividade de pessoas negras e de sexualidades dissidentes nas mídias digitais. Nesse sentido, raça e sexualidade são tomados aqui como marcadores sociais da diferença que se colocam de forma interseccional. Os dados apresentados foram obtidos por meio da pesquisa realizada sobre o canal de humor e informação *Põe na Roda*, mais precisamente, a partir do estudo de recepção sobre os seguintes vídeos “Gays negros e racismo” e “Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos”. Além disso, a análise também foi construída por meio de entrevistas realizadas com xs seguidorxs do canal e de comentários destxs na página do canal no *YouTube* e no grupo no *Facebook* “Ajuda, Põe na Roda”. A ausência de abordagens sobre raça foi/é uma das principais críticas estabelecidas aos conteúdos do *Põe na Roda*, visto que muitxs seguidorxs não se veem representadxs nas produções do canal, problemática que se verificou em diversas instâncias da pesquisa de campo. Tendo em vista o contexto histórico e social que permeia a questão de cor/raça no Brasil não é de se espantar que tal discussão comumente se coloca como uma questão menor, seja nas mídias massivas, como a televisão, como também nas pós-massivas, como as mídias digitais. Assim, busca-se compreender os mecanismos pelos quais a hierarquia das diferenças conforma outras formas de exclusões.

Palavras-chave: Raça, Sexualidade e Mídias Digitais.

Introdução

O presente trabalho apresenta resultados da pesquisa em andamento que versa sobre os discursos produzidos pelxs¹ seguidorxs através do canal de humor e informação *Põe na Roda*² e do conteúdo disseminado pelos vídeos que são alojados no *YouTube*. O canal estreou no dia 15 de abril de 2014 e foi idealizado por Pedro Henrique Mendes Castilho (Pedro HMC³). O público que pretende atingir é:

O público LGBT que se vê pouco representado na mídia. Você tem programas e canais voltados para donas de casa, pra crianças, para o público masculino que quarta pode escolher entre desfile de lingerie e futebol. Mas vê quase nada para o público gay. Mesmo na Internet são poucas opções ainda no Brasil⁴.

¹ Adoto essa grafia a fim de contemplar a multiplicidade de gêneros substituindo pronomes, artigos, adjetivos e advérbios que denotem binarismo pelo x.

² Endereço eletrônico do *Põe na Roda*: <<https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda/featured>>.

³ Essa é a referência que o idealizador do *Põe na Roda* também é chamado. A partir deste momento, utilizarei essa abreviação, Pedro HMC, para me referir a Pedro Henrique Mendes Castilho.

⁴ ANGELO, Vitor. Canal voltado para LGBTs estreia com vídeo sobre racionamento de água. 15/04/2014. In: <<http://blogay.blogfolha.uol.com.br/2014/04/15/canal-voltado-para-lgbts-estrela-com-video-sobre-o-acionamento-de-agua/>>. Acesso em 04 jan. 2016.

O *Põe na Roda* também possibilitou a criação de um espaço LGBT de ajuda mútua online, chamado *Ajuda, Põe na Roda*⁵. O grupo fechado foi criado no dia 6 de dezembro de 2015. Passados pouco mais de dois anos de existência do grupo, a articulação de postagens continua a ser diária e conta com aproximadamente 26 mil membros até o momento.

Dada a sua dinâmica diferenciada, o grupo *Ajuda* abriu novas possibilidades para o trabalho, uma vez que os comentários de outras páginas do *Facebook* e do *YouTube* oferecem informações muito singelas sobre a intimidade dxs seguidorxs. Ao contrário destes, o *Ajuda* foi criado e tem sido utilizado como uma espécie de “divã”, tornando possível o acesso a diversos relatos que possuem um teor mais intimista. Por esses motivos, o *Ajuda* tornou-se o principal espaço utilizado para o estabelecimento de contato com xs colaboradorxs desta pesquisa.

Nas mídias digitais, além da multiplicidade de informações e representações, as escolhas são constituídas e assentadas em princípios de pertencimento, alicerçados em características de cunho subjetivo que, muitas vezes, ultrapassam as demandas relativas às identidades. Além disso, a internet proporciona uma experiência de comunicação que se diferencia de outras mídias consideradas mais tradicionais como a televisão, já que sua apreciação comumente se dá de forma mais individual. Essas questões revelam a importância da contribuição dos estudos sobre as novas articulações da sociedade brasileira, essa que, paulatinamente, vem se reestruturando pela cultura digitalizada e pela “conexão perpétua” (CASTELLS, 2011).

Por isso, neste trabalho tratarei sobre a problemática “cor/raça” que é uma das principais temáticas cobradas do *Põe na Roda* tanto no *YouTube*, quanto em postagens e nas entrevistas realizadas com integrantes do grupo *Ajuda, Põe na Roda*, essas que, muitas vezes, denunciam discriminações dentro do “meio LGBT”, a falta de visibilidade e representatividade de pessoas negras. Desta forma, os dados são provenientes da pesquisa de recepção realizada nos vídeos “Gays negros e racismo”⁶ e “Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos”⁷ - e comentários no *YouTube*, bem como nas postagens do grupo “Ajuda, Põe na Roda” e no material etnográfico recolhido nas 21 entrevistas que foram realizadas via *inbox*⁸ do *Facebook*. Assim, busca-se compreender os mecanismos pelos quais a hierarquia das diferenças conforma outras formas de exclusões.

⁵ *Ajuda, Põe na Roda*: <<https://www.facebook.com/groups/ajudapoenaroda/?ref=ts&fref=ts>>.

⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tnnVRsdaF5k&vl=pt>> Acesso em 15 jan. 2018.

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4NgE7jfOZAQ>. Acesso em 15 jan. 2018.

⁸ Caixa de entrada de mensagens instantâneas alocadas no *Facebook*.

“E ai Será que Existe Racismo no Meio Gay?”: As sexualidades dissidentes e o marcador social da raça.

No dia 2 de agosto de 2017, C.1⁹ postou no *Ajuda* a seguinte provocação: *“E ai Será que Existe Racismo no Meio Gay?”*¹⁰ e recebeu 160 comentários e 157 reações. Enquanto a maioria dos comentários sinalizaram a existência de racismo, apenas duas pessoas configuraram suas repostas de forma diferente. H.1 discordou ao declarar: *“Depende o tipo do racismo se esse racismo for com os afeminados a resposta é ssssssimmmmmmmmmmmmmmmmm #Porra”*¹¹, isto é, colocou o preconceito contra “gays afeminados” como racismo. R.1, por sua vez, relativizou a pergunta ao dizer que não percebe muito racismo, mas, na realidade, o que nota é o preconceito com a própria condição de ser gay.

Já N.1 categoricamente afirmou: *“Certamente q sim os gays são os mais racistas e preconceituosos”*. A resposta de N.2 foi rebatida por Pedro HMC que buscou diminuir seu tom negativo: *“Nao e assim nao. Racismo e preconceito são problemas da sociedade no geral e que tambem fazem parte do meio gay pq estamos dentro dessa sociedade e inseridos nos mesmos valores culturais e sociais”*. Colocando-se como um gay negro, I.1 relatou sua experiência na busca por relacionamentos amorosos nos *chats* (bate-papos). Segundo o seguidor, o racismo se manifestava sempre quando ele textualizava as suas características físicas:

Sim existe... Sempre que entrava nos bate papos e conhecia alguém sempre me perguntavam se eu era branquinho e lisinho... E sempre q eu dizia q era negro a pessoa começava a me ignorar. O padrão de gay perfeito é Branco, malhado de olhos claros e cabelos claros de preferência depilados. Caso vc não seja desse tipo, vc é considerado um dos ‘exóticos’ e vai parar na lista dos fetiches, como se fosse algo estranho (Postado por I.1 no grupo *Ajuda, Põe na Roda* em 02 de agosto de 2017).

Na verdade, a separação entre “corpos desejáveis” e “corpos exóticos” não é uma exclusividade do meio LGBT. De fato, essa problemática revela a complexidade pela qual a

⁹ Nome abreviado por inicial para preservar xs sujeitxs da pesquisa, já que a utilização dos comentários não foi solicitada aos mesmos. No caso de repetição da inicial, será utilizada numeração como forma de diferenciação das pessoas. Estes comentários, realizados pelxs seguidorxs, serão utilizados sem nenhuma alteração, isto é, sem correções gramaticais e ortográficas.

¹⁰ Por questões próprias desse campo de pesquisa, as únicas postagens do *Ajuda* que utilizo nesta pesquisa sem autorização são aquelas que tratam de tópicos de interesse coletivo e não relatos pessoais, preservando, assim, a intimidade dxs participantes do grupo.

¹¹ Os comentários dxs seguidorxs serão utilizados sem quaisquer correções.

questão de cor/raça se apresenta na sociedade brasileira, como aponta Edi: *“raça é uma coisa complicada kkkk meus pais são negros porém tenho a pele branca e olhos verdes, falo q sou negra e o povo me olha torto”* (Em entrevista concedida à pesquisadora em 24/08/2017 por meio do *inbox* do *Facebook*).

Para além de sua sexualidade, Hernane também destaca esta categoria enquanto marcador importante de sua experiência social. Ele se considera *“negro, mesmo tendo que mostrar uma 'carteirinha' de negro”* (Em entrevista concedida à pesquisadora em 23/09/2017 por meio do *inbox* do *Facebook*). Isto porque sua mãe é branca e seu pai é negro e, por isso, ele é um *“negro, com a pele mais clara”*. No entanto, sua autoidentificação geralmente não é respeitada, já que ele ressaltou que, nos círculos sociais que frequenta, não é aceito como negro, pois a sua pele mais clara denotaria privilégios sociais provenientes desta posição.

É o próprio interlocutor que aponta o quanto esta categoria é arenosa no país, pois para ele o *“Brasil tem conceito de raça muito curioso que passa pela coloração da pele conheço gente que mesmo tendo pais negros e um tom de pele mais claro se consideram brancos”* e continua *“Já ouvi absurdos de gente com tom de pele mais escura que a minha entender-se com moreno claro. Acho tudo isso muito confuso”* (Em entrevista concedida à pesquisadora, em 23/09/2017 por meio do *inbox* do *Facebook*). As observações de Hernane destacam a força coercitiva que a categoria raça exerce na sociedade brasileira e, por isso, muitas vezes, *“o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano”* (FANON, 2008, p. 27).

Sabe-se que, no Brasil, criaram-se diversos processos sociais para encobrir as violências sociais. Assim, o entender-se como uma pessoa negra perpassa um rompimento com toda uma estrutura social e cultural, pois *“a cor não é nada, nem mesmo a vejo, só reconheço uma coisa, a pureza da minha consciência e a brancura da minha alma. ‘Eu - dizia o outro - branco como a neve’”* (FANON, 2008, p. 163). Neste sentido, considerar-se branco e/ou negar-se enquanto uma pessoa negra aciona-se como uma tentativa de contornar a abjeção que os corpos e subjetividades negras vivenciam numa sociedade que possui o racismo enquanto um componente estrutural e, por isso, institucionalizado.

Para compreender a importância e as ambiguidades sociais das questões acerca da raça no Brasil, Schwarcz (2012) observa que as teorias raciais chegaram ao país no século XIX. A história nacional é marcada pela escravidão e as mudanças sociais que empregou, como, por exemplo, a mudança das cores da pele dos habitantes do país e de seus costumes através da miscigenação, tornou aceitável socialmente a inferiorização das pessoas negras

através da violência e das diversas desigualdades sociais.

A antropóloga chama atenção para a ênfase dada na desigualdade biológica entre os seres humanos através do positivismo determinista europeu que buscou explicar a diferença e superioridade da raça branca por meio da ciência. No entanto, as teorias do darwinismo social europeias não foram plenamente incorporadas no Brasil sem uma resignificação, pois a mestiçagem não foi tomada como um sintoma de degeneração social e econômica do país.

Contudo, defender a mestiçagem não se fez enquanto sinônimo de negar a suposta superioridade das pessoas brancas sobre as demais, pelo contrário: ao mesmo tempo em que se defendia a mestiçagem, continuava-se a sustentar no Brasil as hierarquias raciais. Após o fim da escravidão, empreendeu-se incentivos para a imigração com a intenção de efetuar uma política de branqueamento na população brasileira. Já nos anos de 1930, o “mestiço” transformou-se em uma representação oficial da nação através do elogio à mestiçagem. Paralelamente a esse processo, ocorreu uma desafricanização de inúmeros elementos da cultura negra africana que também foram transformados em nacionais, como, por exemplo, a feijoada, a capoeira, o samba e a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, elementos colocados como representação da mestiçagem.

Aníbal Quijano (2000) oferece uma reflexão para a classificação social que ocorre através da “questão do trabalho, da ‘raça’ e do ‘gênero’, as três instâncias centrais a respeito das quais se ordenam as relações de exploração/dominação/conflito” (QUIJANO, 2000, p. 104). Assim, a distribuição do poder por meio dos “processos de classificação, desclassificação e reclassificação social” (QUIJANO, 2000, p. 102) ocorrem na associação dessas três instâncias. O autor demonstra que as relações entre raças são feitas através da dominação e que a distribuição do poder transcorre por meio da “naturalização das categorias sociais que dão lugar a esses elementos no poder” (QUIJANO, 2000, p. 106) e, por isso, necessita de um mecanismo subjetivo para funcionar. A racialização seria, então, uma das instâncias que mais evidencia o caráter eurocêntrico do poder colonial (QUIJANO, 2000).

YouTube: espaço de (in)visibilidades para a construção social das diferenças

Diante deste contexto histórico e social que permeia a questão de cor/raça no Brasil não é de se espantar que a invisibilidade de pessoas negras seja comumente colocada como uma questão menor, seja nas mídias massivas, como a televisão, como também nas pós-massivas, como as mídias digitais. A interlocutora Amanda que se coloca como mulher negra

e lésbica ressaltou a ausência de abordagens sobre racismo no canal *Põe na Roda*. Ao perguntar se ela conhecia pessoas negras que possuíam canais no *YouTube* e que tratavam de gênero e sexualidade sua resposta foi: “*YouTubers que acompanho, acho que nenhum é negro*” (Em entrevista concedida à pesquisadora, em 10/07/2017, por meio do *inbox* do *Facebook*).

Após várias reclamações e pedidos feitos pelxs seguidorxs do *Põe na Roda*, o canal decidiu abordar a questão. O vídeo “Gays negros e racismo” foi lançado no quadro *Sauna Justa*¹² em 05 de outubro de 2016 e foi o primeiro esquete do canal que buscou tratar o marcador social cor/raça em intersecção com a sexualidade.



Imagem 1 – Capa do esquete “Gays negros e racismo”, lançado em 05 de outubro de 2016 no quadro *Sauna Justa* do *Põe na Roda*.

Os dois participantes negros foram Alberto, integrante do elenco rotativo do canal com participação em sete vídeos; e Joely, um dxs seguidorxs que criticou o canal pela falta de representatividade de pessoas negras de gênero e sexualidades dissidentes no canal. A repercussão deste esquete, como analisado por A.1 (2016) teve “*beeeem menos views [visualizações] do que os outros já diz muitas coisas, diz inclusive que brancos (grande maioria de inscritos nesse canal, imagino) estão pouco se fodendo*” (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube* em 2016).

As questões que foram levantadas nesta produção remeteram-se: aos bairros paulistanos que as pessoas negras poderiam transitar em segurança; a relação entre pobreza e escravidão; a questão da beleza e corpos negros serem tomados como “exóticos” e a recente escolha de transição capilar por jovens negrxs brasileirxs que expressa resistência diante da imposição do alisamento do cabelo crespo e/ou cacheado.

Joely ressaltava que “*gosto é uma construção social*” e não apenas uma escolha individual. Na caixa de comentários do vídeo em questão no *YouTube*, a ideia de “*construção social*” foi rebatida por A.2 (2016) que disse: “*Detesto esse povo de humanas... Que construção o quê! A maioria dos comportamentos humanos deriva de imperativos biológicos*” (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube*, em 2016). S.1 também concordou com a falibilidade do conceito e a necessidade de retirada do peso que os

¹² O nome do quadro *Sauna Justa* é uma paródia do programa de televisão exibido no canal por assinatura brasileiro GNT “*Saia Justa*”, este que possui um elenco feminino que debate assunto do interesse das mulheres “modernas”, pois “*nada é tabu para as mulheres do Saia*”. A utilização do “*sauna*” se justifica pela expressão que essa localidade confere para a sociabilidade gay, oportunizando encontros sexuais.

entrevistados colocaram no racismo. Em outras palavras, o apelo para as explicações científicas, como já visto no darwinismo social, ainda continua em voga, a saber:

Concordo, o padrão de beleza imposto pela sociedade tem um limite, um certo alcance, a maior base para a atração física e estética é biológica, como a predileção humana por rostos mais simétricos e harmonia entre os traços da face - os elementos da face com posição e tamanhos que se equilibram. Além disso é intrínseco à maior parte dos humanos associar certas tonalidades de pele à doenças. Exemplo: A maioria dos humanos associa vermelhidão à inflamação, pele arroxeadada à hematomas, doenças cardiovasculares ou hepáticas que manifestam sintomas na pele. É uma configuração biológica associar saúde à beleza, pois nosso corpo é adaptado a se reproduzir quer queiramos ou não. Mesmo no caso dos gays é assim, os espermatozoides são férteis e a tendência é sentir-se atraído para o que parece ser saudável e, por conseguinte, mais promissor de gerar uma descendência - mesmo que no caso de uma pessoa do mesmo sexo não se pode reproduzir pelo intercuro (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube*, em 2016).

No vídeo, Pedro HMC coloca na discussão os limites entre a visibilidade e da objetificação através de uma reportagem no *Superpride*¹³ que tratou os 35 ruivos mais lindos do mundo¹⁴. Na ocasião, militantes negros acusaram a falta de representação da beleza negra e, por isso, foi realizada uma reportagem com os 10 negros mais lindos do mundo¹⁵. Porém, Pedro HMC destacou que outras pessoas também militantes acusaram a reportagem de objetificar o corpo negro. Para os entrevistados, o problema se concentra no fato que, ao falar de beleza, foi realizada uma segregação, no caso, “beleza negra” e “beleza ruiva”, sendo que, na verdade, dificilmente se lançaria uma reportagem sobre “beleza branca”. A saída proposta pelos mesmos seria tratar a beleza e estendê-la a pessoas de diferentes raças/cores em conjunto e não separado para que não as conformassem na categoria de “exóticas”.

Além disso, ressaltaram o fato de que a identidade negra, no senso comum, é associada à virilidade, ao potencial dos órgãos genitais e à imagem da masculinidade do “negão” que é cobrado para ser o “ativo”¹⁶ na relação. Pode-se observar essa exigência no comentário de A.7: “Mas vocês forçam a barra as vezes né ninguém merece sair com um negro e afeminado. Se o cara for negro e macho jamais sofrerá preconceito no mundo gay” (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube*, em 2016).

Outra questão apontada foi o relacionamento amoroso entre pessoas negras e brancas, pois ter um namorado branco é considerado, por vezes, uma espécie de prêmio social. Fanon (2008) não trata o relacionamento homossexual entre pessoas negras e brancas, mas sentiu a necessidade de escrever dois capítulos que abordavam o relacionamento amoroso, a saber: “A

¹³ Disponível em: <http://www.superpride.com.br/>.

¹⁴ Disponível em: <http://www.superpride.com.br/2013/07/os-35-homens-ruivos-mais-lindos-do-mundo.html>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.superpride.com.br/2013/08/os-homens-negros-mais-lindos-do-mundo.html>.

¹⁶ O sujeito que irá penetrar o outro na relação sexual.

mulher de cor e o branco” e “O homem de cor e a branca”. Suas considerações mostram que o destaque dado ao “privilégio” de se ter parceirxs brancxs ocorre devido a questão estética e do poder econômico que, em virtude das normas que regulam a sociedade, associa-se às pessoas brancas. Além disso, destaca que tal “privilégio” seria uma via mais fácil e rápida para as pessoas negras tornarem-se brancas, pois:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser *branco*.

Não quero ser reconhecido como *negro*, e sim como branco.

Ora – e nisto há reconhecimento que Hegel não descreveu – quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco.

Sou um branco.

Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude...

Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca.

Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio (FANON, 2008, p. 69).

Os dois entrevistados já tiveram envolvimento amoroso com pessoas brancas e relataram como o seu meio social receberam essas relações inter-raciais. Ao apresentar seu namorado branco para as pessoas de seu convívio, Joely sentiu-se como se ele tivesse obtido um “*troféu*” e seu parceiro era constantemente coberto de inúmeros elogios em relação a seus atributos físicos. Alberto, por sua vez, relatou sentir o mesmo quando era casado com um alemão. A “escolha” por estar com uma pessoa branca evidenciada por Alberto foi criticada no comentário de C.2 que apontou:

Apenas considero triste que lutem pela valorização da beleza negra e quase sempre escolhem um branco ou alguém ‘mais claro’ como companheiro. É como se o discurso fosse um e a atitude outra. A verdade é que no Brasil, ao contrário da maioria dos países que possuem quantidades significativas de populações brancas e negras, o negro só é aceito se está em uma relação interracial, seja nas relações homossexuais ou heterossexuais. Isso não é verdadeiramente aceitar. A inclusão não se dá quando a protagonista da novela é negra e namora um branco, a verdadeira inclusão é quando um casal Negro é capaz de interpretar naturalmente os dois papéis (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube*, em 2016).

A recepção do vídeo causou desconforto em F.1, pois considerou que os entrevistados explicaram “*de maneira bonitinha o que é racismo*”. Para ele, “*os temas deveriam ser abordados com mais profundidade e não simplesmente no sentido do que é uma conduta aceitável do branco em relação ao negro*” (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no *YouTube*, em 2016). Já K.1 considerou que os dois entrevistados reforçaram o discurso do “vitimismo”, pois:

Pra mim isso tudo é mimi... Sou negro e não sinto esse preconceito todo não. sou da periferia e quando vou para os lugares ‘brancos’ não me sinto nem um pouco de

preconceito. O preconceito está na própria cabeça. Quando alguém fala que não fica com negro, não é preconceito é apenas opção. Não me sinto nem um pouco representado por esses negros vitimistas! (Comentário no vídeo “Gays negros e racismo” no YouTube, em 2016)

Ao indagar Hernane sobre o vídeo em questão, ele disse “*vc vê que curiosa a fala dele [referindo-se ao Pedro HMC] de: ‘Estava hesitante, porque não queria que este vídeo fosse um vídeo sobre negros’. Pra mim soa cota*”. Para Hernane, a associação estabelecida entre a visibilidade de gays negros com a questão de cota racial expressa pelo discurso de Pedro HMC confirmou o seu próprio lugar de fala: de um “*branco de classe média*”. Ao indagá-lo se o lugar social de Pedro HMC o isentava de ter uma reflexão sobre a realidade das pessoas negras, Hernane pontuou: “*Não, acho que isso o limita*” (Em entrevista concedida à pesquisadora em 26/09/2017 por meio do *inbox* do Facebook).

Em “Gays negros e racismo” também foi levantada a questão de como raça/cor se manifesta nos aplicativos utilizados por LGBTs que se destinam à procura de encontros sexuais e relacionamentos amorosos. Os entrevistados destacaram que é muito comum encontrar nas descrições dos interesses de usuárixs frases como “*não pego japoneses, negros*”. Para Alberto, a regularidade com que essas categorias são utilizadas para a procura de parceiros sexuais escancara o racismo. Em outras palavras, a lógica normativa que classifica e separa os “corpos desejáveis” dos “corpos exóticos” é aquela que também impera nos aplicativos, afinal, segundo Miskolci (2017),

No universo dos aplicativos, a aparente abundância de parceiros é contrabalanceada pelo contexto de mercado amoroso sexual, no qual vigora uma competição generalizada pelos perfis considerados mais desejáveis, enquanto a maioria dos outros perfis encontra várias formas de discriminação, rejeição e frustração (MISKOLCI, 2017, p. 221).

Na discussão do assunto, muitxs seguidorxs do canal manifestaram o incômodo gerado pela objetificação de seus corpos, como L.1 que é negro, tem dois metros e disse que a “*única pergunta que recebo no app é: Ativo? roludo¹⁷?!*”. Joely destaca que, embora o racismo atinja o movimento LGBT e o “meio gay” de forma diferente, não se pode perder de vista que estas práticas continuam sendo racismo e, por isso, é preciso discuti-las, problematizá-las e combatê-las.

Esta temática dos aplicativos foi utilizada como roteiro para outra produção do canal, “Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos”. O vídeo foi lançado em 16 de novembro de 2017 em virtude do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, e também

¹⁷ Sujeito que possui órgão genital masculino (pênis) avantajado em tamanho.

como uma reação ao comentário racista “é coisa de preto” proferido pelo jornalista William Wack que até então trabalhava na Rede Globo¹⁸. Na descrição do vídeo, foi ressaltada a necessidade de se discutir e reconhecer “o racismo que também existe dentro do meio LGBT”.

Cerca de três meses após seu lançamento, esta produção já possui praticamente o dobro de comentários (1087) do vídeo anterior, mas manteve a mesma média de sua visualização (aproximadamente 100 mil). Os três participantes Joely, Silvano da Silva Júnior e Samuka comentaram *prints* de mensagens e perfis que expunham conteúdos racistas nos aplicativos *Grindr*, *Hornet*, *Scruff* e *Tinder*. O teor dos conteúdos segue a lógica do seguinte perfil analisado pelos participantes:



Imagem 2 – Capa do esquete, “Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos - #ConscienciaNegra” lançado em 16 de novembro de 2017

O que procuro

Antes de chamar, veja se você está em algum item do filtro abaixo, caso esteja por favor não perca seu tempo.

1° Velhos? Nada contra, só acho que seu lugar é na Estação 2000 e não perto de mim.

2° Negros? Não sou racista, não tenho nada contra, só não curto mesmo. Gosto é gosto, por favor respeitem isso.

3° Afeminados? Prefiro que continuem na Praça Raul Soares ou no show de Bate Cabelo.

4° Gordos? Não sou hipocondríaco, não sou; mas eu fico temeroso com corpos moles e gelatinosos principalmente na cama, então sem chances.

5° Drogados? Faça um tratamento e parem de ir no after, não quero pegar ninguém que mora debaixo do viaduto.

6° Burros? Ensino médio completo é requisito mínimo para dialogar comigo, curso superior desejável. (Exibido em “Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos - #ConscienciaNegra”, pelo *Põe na Roda* no *YouTube* em 2017).

“Começou assim já ‘não sou racista’ nem precisa ler o resto” reagiu Samuka. Mas, mesmo assim, ele continuou a ler. Quando chegou na parte “gosto é gosto”, problematizou a questão: “não, não, não, isso não é gosto, isso é preconceito. Sabe, a nossa sociedade foi ensinada a aceitar o belo eurocentrizado, o belo branco”. É interessante observar que as mídias digitais e a sua incorporação no nosso cotidiano “não inventam novos racismos, mas

¹⁸ O vídeo gravado por Diego Rocha Pereira mostra William Waack cobrindo a campanha eleitoral dos Estados Unidos em 2016. Alguns minutos antes de entrar ao vivo, Waack incomodou-se com um carro que estava buzinando na rua e, por isso, emitiu xingamentos. Além disso, falou para um convidado do programa, em tom baixo, que o barulho certamente “é coisa de preto”. Ele continuou a reclamar das buzinas e exclamou “eu sem quem é... “É preto”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/09/politica/1510184872_072863.html?rel=str_articulo#1518306655698> Acesso em 15 fev. 2018.

antes elas reproduzem de forma inovadora os estereótipos raciais, afiando ainda mais a foice que vem fazendo cortes dos desejos” (KURASHIGE, 2014, p. 29).

Considerações Finais

Em “O negócio do michê: a prostituição viril”, Néstor Perlongher evidencia que ser negro se coloca como um fator de inferiorização no gueto gay (1987, p.151). Como podemos perceber na abordagem estabelecida neste trabalho, não houve alterações profundas no quadro identificado por Perlongher, pois ser negrx no Brasil ainda “persiste como representação poderosa, como um marcador social de diferença – ao lado de categorias como gênero, classe, região e idade, que se relacionam e se retroalimentam – a construir hierarquias e delimitar discriminações” (SCHWARCZ, 2013, p. 34).

Na hierarquia das diferenças, infelizmente, menos é mais: quanto menor o número de marcadores sociais da diferença que são considerados subalternos em uma pessoa, maior serão suas chances de existência e sobrevivência. Assim, as diferenças expressas pelos corpos negros de pessoas de gênero e/ou sexualidades dissidentes desafiam preceitos históricos, morais e biológicos que alicerçam as hierarquias de poder na sociedade. Dessa forma, essas vivências são lidas como transgressões não consentidas e, por isso, são expurgadas através do rechaço e da aversão social, da exclusão e da abjeção.

Apesar disso, xs colaboradorxs desta pesquisa, assim como outras pessoas, continuam a resistir e se mostram resilientes às diversas tentativas de assimilação que se colocam através das normas sociais. Essas transgressões transparecem nos comentários e nas entrevistas cedidas a este trabalho ao apontarem a falta de conteúdos e abordagens com e para pessoas negras.

Por fim, ainda que as mídias digitais têm contribuído para proporcionar e potencializar produções que abordam outros marcadores, no jogo das (in)visibilidades esse espaço ainda é ocupado por aqueles que mais se enquadram nas normas sociais, pois a hierarquia das diferenças conformam outras formas de exclusões.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

KURASHIGE, Keith Diego. *Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia da UFSCar para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, 2014.

MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 73-118.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v. 1. 303p.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S.;

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem Preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.